



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVII — N.º 458 — Preço 180
30 DE SETEMBRO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

«Comerás o pão com o suor do teu rosto...»

O castigo do primeiro homem (castigo porque ele experimentara o dom praeternatural do trabalho sem pena!) é benção para os outros homens, uma vez que, na condição da sua natureza, jamais o pão lhes saberá sem o tempero do suor.

O trabalho tornou-se a redenção da riqueza, no seu processo genético. Só é válida e saborosa e útil e portadora de felicidade aquela riqueza nascida do trabalho de cada um dos que a possuem. E quando esta cresce e frutifica, a manutenção do crescimento dela exige mais trabalho que a geração, tanto... que aquele ou aqueles poucos que puderam começá-la têm de agregar a si outros, às vezes multidão, cujo trabalho condiciona

ÁFRICA

indispensavelmente aquele crescer. Daí que toda a riqueza de grandes dimensões deva reverter, por razão de natureza, em favor de todos aqueles que são garantia da sua manutenção por força do seu trabalho.

O diálogo de oposição, que, mais ou menos sempre, e mais intensa e expressamente se vem travando de há cem anos para cá, entre Capital e Trabalho, é o resultado da leviandade dos homens, resistentes à Graça e à própria Natureza, que assim emaranham trágicamente os seus caminhos.

Deus criou. E na Natureza «nada se perde, nem se cria: tudo se transforma». Raramente Ela nos dá os bens em estado de consumo. Mas só n'Elas os podemos obter, mediante as transformações que o nosso esforço opera.

Senhor da Natureza — só Um. Usufrutuários d'Elas — todo o homem que vem a este mundo.

E assim, em princípio, o direito de acesso aos bens que Deus criou é igual para todos os homens. O trabalho de cada um é que há-de definir o justo quinhão de posse para cada homem. E como as possibilidades de trabalho (intelectual ou manual) de cada homem são muito diversas, sempre será desigual, sem injustiça, a parte de cada um.

O trabalho é a redenção da riqueza. Vemos que é também a sua norma. E vimos já que é ele o fautor dela, sem o que ela não será válida, nem saborosa, nem útil, nem portadora de felicidade.

Aquele diálogo de oposição entre Capital e Trabalho torna-se, pois, uma disputa escandalosa, como seria a de um filho que deve ao Pai sua grandeza actual e lhe nega o reconhecimento e o abandona na hora em que a velhice lhe exauriu as forças, gastas na obra de o criar e lhe criar as condições que o levaram à grandeza.

O Capital é sempre fruto do Trabalho. É fonte de energia potencial—imperfeita enquanto se não realiza naquilo que é o seu conceito: trabalho; tudo quanto resulta de trabalho; tudo quanto pode transformar-se em trabalho.

Teríamos pois trabalho a produzir riqueza e riqueza a desdobrar-se em trabalho — como a árvore fértil que mergulha a sua raiz na terra e se desdobra para o céu em ramos, em flores e frutos; como as águas velozes de um rio que se fazem parar diante de uma barragem, para constituírem manancial de energia incomparavelmente superior à que elas poderiam dar no seu correr normal.

Esta doutrina não é nova nem é nossa. A Mãe Igreja, sempre, e mais intensa e mais expressamente de há setenta anos para cá, se tem desentranhado a ensiná-la e a recordá-la aos homens que têm ouvidos para ouvir. Pena e desgraça que de surdos seja a maioria! E que uma minoria detentora da riqueza (No mundo 20% dos homens possuem 80% dos bens!) se volte contra o Trabalho ou se guarde de reproduzir Trabalho, para

continua na página 2

SETUBAL

Um grupo de cinco rapazes quase e padres, e um sacerdote seu professor do Seminário do Porto, vieram, pela primeira vez, fazer uma missão de quinze dias entre as gentes dos arrabaldes da nossa casa. O acto poderá parecer muito natural a quem o olhar de relance e é realmente natural na expressão viva da sua simplicidade, mas é muito contrário à concepção egoísta, pequenina, que, às vezes, nós os cristãos fazemos da Igreja de Cristo e que impera ainda em várias parcelas do País.

Esta zona que é extensíssima e densamente habitada, nunca conheceu um padre à sua disposição; nunca ninguém falou aqui doutros interesses a não ser os terrenos; jamais esta gente saboreou uma alegria que não nascesse de fonte material.

A concepção do homem é quase pagã e a vida social organizou-se à margem da Igreja e contra a doutrina cristã. São mais de dez mil os homens que nas nossas redondezas sofrem este abandono confrangedor.

Aqueles rapazes tomaram conhecimento, compreenderam, afligiram-se e deixaram tudo para virem fazer menos densas as trevas da ignorância e do preconceito e aproximar da luz os irmãos errantes. Venceram dificuldades enormes, não se amedrontaram da falta de comodidades, gastaram uma parte das suas férias, fizeram arrear os conselheiros de que isso não é connosco, nós temos cá as nossas necessidades; ou a mofa mordaz dos elogios aos grandes apóstolos.

Vieram na pobreza da sua experiência e na simplicidade da sua vida, viver, contactar, dar da abundância que lhes enche a alma e receber impressões duma sede enorme de Deus e dum vazio quase infinito que esmaga esta multidão imensa.

Tenho a certeza que fizeram muito bem e que foram daqui muito melhores.

Aquele professor veio dar



O Sorriso de Pai Américo!

lições práticas e aprender a ensinar melhor.

Há muito que rezam e vão continuar em oração por esta parte ferida da Igreja!

Foi natural que assim fizessem. Cristo não fundou uma Igreja só para uns tantos privilegiados! Só para os nossos, os da nossa terra, os da nossa diocese, ou da nossa Pátria! A Igreja autêntica de Cristo é católica! Onde houver um cristão aí está a Igreja toda no seu coração! Se não está, não lhe chames católico, que não é!... Nem é nada!

Estes rapazes não fizeram mais que o seu dever, embora o cumprimento dele seja admiração para muitos! Precisamos tanto do escândalo! É tão necessário o escândalo que incita ao desempenho perfeito das exigências duma vocação sacerdotal!

«Ai que se nós os padres fôssemos todos da Nova Lei (ansiava Pai Américo ainda jovem) como havíamos de revelar ao homem quem ele é e quanto vale, nós que somos postos na vida para ser a luz do mundo!»

Padre Acílio

Facetas de uma vida

A carta de 29/4/23, com que encerrámos o derradeiro artigo, segue-se outra, tal como as últimas, em papel timbrado com o seu nome e mais isto:

FRUIT DEALER

Exporter of Portuguese Products
Cables. Please Address:
Aguar — Penafiel

Todas são escritas de Paço de Sousa e aquela por que hoje começamos traz a data de 27/5/23.

Acabara de regressar da falada viagem a Inglaterra. No primeiro plano dos seus interesses comerciais permanece o negócio de frutas. É acerca do mais importante dos seus recados nesta carta:

«Por favor, estude aí os direitos e mais taxas de fructo importada do Cabo da Boa Esperança, tudo tin tin por tin, e mande dizer na próxima mala. Isto é muito urgente.»

cont. na página QUATRO

evitar maçadas ou riscos, como os pais e as mães blasfemos que estancam as fontes da vida!

A nossa provação africana começa a despertar a consciência destas realidades no homem da rua. Lá e cá começa a sentir-se e a manifestar-se uma inquietação de Verdade, portanto de Justiça, que a doce paz em que vivíamos não facilitava.

Ora, sempre, e neste momento muito em particular, é necessário termos arrumados os nossos conceitos segundo a Verdade e a Justiça.

Darmos ao Capital e ao Trabalho os seus justos lugares, sem esquecer qual é o primeiro (o Trabalho gera o Capital; o Capital deve gerar o Trabalho); pedirmos a um e a outro a responsabilidade que lhe compete — é obra de grande interesse nacional. E porque somos um país pobre, que se há-de impôr, não tanto pelo que temos, como pelo que valeremos em fé e em trabalho — mais razão há e mais urgente se torna refazer a nossa fé no poder do trabalho, que é — repetimos — o capital primário, à disposição de todo o homem saudável.

TRIBUNA de Coimbra

Hoje são as impressões que em Agosto trouxemos das praias e termas aonde fomos. Saímos sempre ainda com estrelas no céu e chegámos já elas estavam de novo no seu lugar. No primeiro domingo foi em Monte Real. Todas as portas abertas. O mesmo carinho do Senhor Prior e a sempre tão boa atenção do Senhor Olímpio Alves. Prêgamos o Policia, que é dali e prêgamos muitos dos nossos pelas alcunhas. Vimos muitas lágrimas nos olhos e muitos sorrisos nos rostos. Impressionou-me muito bem a presença de vários sacerdotes entre os ouvintes. Trouxemos rentinho a quatro contos.

No segundo domingo foi S. Martinho do Porto. Sentimo-nos ali em família. O ambiente simples e delicado acolhe-nos com ternura. Prêgamos o Calvário dos doentes. O Senhor Jesus Crucificado nos nossos irmãos e tantos que gozam a vida o mais que podem. O mundo do nosso tempo onde impera o egoísmo. Cada um procura servir-se como e o melhor que pode. As sacas e a minha capa renderam quase uma dúzia.

No meio do mês fomos ao Luso. O Pároco e as senhoras do Hotel Lusitano e o Senhor Alexandre Almeida e Família recebem-nos sempre de braços abertos. Alguém desabafou connosco e nos disse que o grave momento nacional em nada se tinha feito sentir. Olhe que é tudo como nos outros anos. Goza-se e gasta-se na mesma. Não se pensa a sério nos que sofrem por causa dos que gozam. Nesse dia foi esta a doutrina. O sinal que Deus nos tem dado da nossa decadência e o abandono em que deixamos os nossos irmãos. É a hora, o despertar da consciência nacional. E, graças a Deus, tem-se despertado um pouco. A cruzada de união e de bem em que a maior parte dos portugueses tem entrado! Deus queira que não fiquemos por aqui. A hora é de ressurreição. Alguém me entregou na Igreja um opúsculo sobre Duarte Pacheco. Que força de vontade e que amor à Pátria o daquele Homem! Não teve família, não teve amigos, não houve ele próprio, quando o bem da Pátria o exigia. Foi criticado por isso. Perdeu até amigos. Mas a Obra ficou. Que modelo de servidor de um ideal!

No domingo seguinte foi na Figueira da Foz. Um mundo de gente. Amigos já há muito conhecidos de Coimbra, Covilhã e Castelo Branco. Já há onze anos que me escutam e ainda não viraram costas. Os

seus rostos dizem do assentimento da alma. Os olhos da maior parte riem de alegria. A doutrina foi a das mães pobres de bem-estar e de recursos para a carga dos filhos. Foi a mãe nova já desassete vezes mãe. Foi a de oito que se levantou ao quarto dia para ir à procura de comer para os filhos e para o marido paralítico. Foi um cântico de amor a estas mães que são um pára-raios a defender as mães que podem e não querem ser mais mães e das mulheres que nem sequer o querem ser. Vi cabeças a acenar de apoio e ouvia palavras se não estivéssemos na Igreja. Disse que ia ali não por causa do dinheiro mas sim pela salvação da alma de cada um. A esmola é uma tábuca de salvação. Viemos carregados de dinheiro. Ainda passou dos trinta contos.

No último domingo foi S. Pedro de Muel. Aquela praia está a ser uma paixão. Também ali encontramos muitos amigos das Beiras. No altar prêgamos os Pobres. Os Pobres que não querem riquezas, mas somente um abrigo com cama e roupa e à hora das refeições terem com que fazer e adubar o caldo. Ao chegarmos a casa contámos sete.

Apesar de nos darem muito dinheiro nós também reafirmámos que quisemos deixar muito mais do que trouxemos. Quisemos deixar em cada um uma pequenina semente de amor, semente que pedimos a Deus a faça germinar e frutificar. Este é o verdadeiro fim do nosso ir.

PADRE HORÁCIO

★ BELEM ★

No passado Agosto completou 6 anitos o nosso «Pintaíno». Houve sobremesa melhorada e a sempre esperada prenda de anos. Ela radiante com o feito, tanto mais que no ano passado nada teve. Fôra para a cama, de castigo, por maroteira que fez.

Então os Senhores não sabiam? Em Belém nunca ficam no esquecimento os dias de anos. Toda a gente sabe essas datas de cor e vão-nas lembrando à distância, com comentários indirectos em voz alta, para que eu me vá prevenindo...

Vejam em que hábitos as pus e como me hei-de haver com elas quando já não forem 20, mas 40 ou 60!...

Porém, creio que uma resolução tomada há dias me virá facilitar as coisas: Menina que apanhe em mentira ou não cumpra os seus deveres, não conte com sobremesa ou prenda de anos!

Pois, de então para cá, já várias passaram por debaixo da mesa e outras passarão, se não tiverem emenda. Mas saibam os leitores e saibam sobretudo elas que eu continuo a preferir festejar os anos das minhas filhas a vê-las passar por baixo da mesa, mesmo quando forem 40 ou 60.

Ora precisamente por causa desta última disposição em vigor é que houve mais alvoroço com os anos do Pintaíno.

— Olha lá, Pintaíno, que prenda queres tu?

— Quero uma boneca!

— O quê?! Então que fizeste ao boneco que te deu a Sra. D. Clotilde?

— Arranquei-lhe a cabeça e as pernas...

(Pintaíno agora já vai dizendo a verdade e é o que lhe vale!)

— Pois olha! Duvido agora que apareça outra boneca... As meninas que gostam a valer das suas bonecas nunca as estragam!

Mas lá me fui a rebuscar no fundo de certa arca, até que me veio à mão um embrulho donde surgiram nada menos que cinco marafonas. Já me lembro! — disse comigo. São as que eu consegui safar das 20 e tantas que lhes trouxe a Sra. D. Alice... Na altura ficaram de lado, por serem as menos jeitosas, mas deixa que agora vão achá-las bonitas...

— Pintaíno, anda, escolhe uma!

Ó desconsolo! Pintaíno deitou a mão precisamente à mais feiona! Que falta de gosto, Pintaíno! Porque terás tu escolhido esta? Espera, já sei, é porque é maior! É pelo mesmo motivo que tu, quando te sentas à mesa, antes de comer, deitas primeiro uma olhadela aos pratos das companheiras...

xxx

Pintaíno trouxe para Be-

lém quatro anitos enfezados, mas naquela enorme cabeça, tão em desproporção com o resto do corpito, miúdo e frágil, vinha concentrada toda a escola da rua.

Nunca se lhe fazia pergunta que ela não se quedasse primeiro, à procura do que lhe conviria mais responder.

Obedecer não era com ela e como veio numa altura em que por Belém iam passando várias pessoas, em experiências sucessivas, ela aproveitava ordens e contra-ordens para levar por diante as suas perices e birras. E isto sobretudo porque toda a gente se deixava levar pelas aparências e a tratava como bebé de uns dois anos. Só levava a sério as ordens da mãe e antes de obedecer perguntava sempre: — Quem mandou? A nossa mãe já veio?...

Num dia alguém lhe disse: — Trata de comer a sopinha toda! Olha que já veio a nossa mãe!...

— Ela também é tua mãe? — pergunta a petiza.

Aquele corpinho raquítico necessitava de cuidados especiais, mas o pior era que aquela cabeça de cinco anos enchia-se de presunção e já se pigava mais que as outras. Era a saída da casa! Já nem respondia às visitas que gostavam de ouvir as suas gracinhas: voltava o rosto e eu ria,

ria de gozo por tanta atenção...

Depois da sua sesta chegava à sala de costura e logo ordenava a algumas das meninas: Sai daí que eu quero sentar-me! Mas um dia alguém levantou a voz firme e disse: Se não tens banco senta-te no chão, que as meninas estão a trabalhar. O Pintaíno abriu desmedidamente os olhos, num abismo de espanto. Podia lá ser sua magestade a rainha da casa sentar-se no chão? Mas teve que ser e daí por diante muitas humilhações teve de sofrer o Pintaíno para se resolver a ser uma entre as outras.

Só mais esta, para terminar. Pintaíno e Laidita, sua companheira de brincadeiras, estavam proibidas de ir para os lados do tanque, porque se molharam da cabeça aos pés além de que corriam o risco de afogar-se. Mas, mal me viam pelas costas, perdidas e achadas era lá! Num dia apareceu uma Senhora que pôs o Pintaíno em sobressalto.

— Ó Pintaíno, ai como andas toda molhada! Se...

Mas ela, já refeita do gesto, nem lhe deixa terminar a frase. Volta-se para a Laidita, com ar gaiato e sai-se com esta:

— Ó Laidieha, pinxei qu'ela a nossa mãe! Ó pénsas...

Inês — Belém — Viseu

Férias forçadas em Ordins

Bem quisera mudar o título destas desataviadas linhas, mas, quanto aos chales, são tão poucas as encomendas, que continua a ser verdade que as nossas Pobres vivem em regime forçado de férias, não obstante os da Curraleira (Lisboa) e do Barredo (Porto) estarem mortinhos por eles, para passarem o próximo inverno, mais agasalhados. Estes ecos de Ordins têm sido melhor ouvidos por Lisboa, que pela laboriosa gente da capital do norte. Vamos guardando os chales que oferecemos para os vossos Pobres e no inverno despachá-los-emos, segundo vossas ordens.

Aquele senhor da Capital vai-nos dando algo que fazer, com o seu vale mensal de 1.500\$00. Mais quatro senhoras da mesma, e nossas conhecidas, por aparecerem várias vezes na roda do ano, vieram por outros tantos chales. S. Martinho do Porto veio por três. Souto da Carpa velosa, pela sua Conferência Vicentina, vai-nos ajudando. Desta vez, foi um. A da Rainha Santa, em Lisboa, também quis um e promete vir por mais. E mais

nada, senhores leitores. Perdão, para Eixo foram dois e uma camisola.

O rancho de pequenitas que fazem malhas não tem férias, como as mulheres dos chales. Da Casa dos Rapazes, em Luanda, veio-nos um cheque de 10.000\$ para camisolas. Há que fazer, até mais não. Foi um casaquinho para Lisboa. Mais seis camisolas para a Cruz Vermelha, oferta de M. Antónia. Um grupo de empregados da Cruz trouxe 50\$. Foi para uma camisola, que, a seu tempo, seguirá para a Curraleira com os chales armazenados. De algures, 40\$, sendo metade para a Casa de Jesus Misericordioso e outro tanto para pegadas de panela.

Os nossos teares de tapetes e carpetes e colchas e passadeiras e mais não sei que continuam a produzir. Lisboa veio por um tapete. Para Entre-os-Rios foram carpetes e estofos para automóvel. Temos colchas em lã e algodão, de uma só largura, a 125\$. Os tapetes são com a medida que nos indicarem. São de lã e a 170\$ o m2.



AGORA

CAMPANHA DE ASSINATURAS

A Procissão nada a detém. Nem as férias, que são useiras e vzeiras em deixar a Caridade para a nova estação. Nem as festas em que a época é pródiga, sobretudo no norte. Nada distrai. Nem há procissão como esta! Mais andores, mais figuras alegóricas, mais grandiosidade nos trajes ou brilho nas opas, mais foguetes e bandas e zés-pereiras — com certeza que qualquer outra terá. Mas esta, a de **Agora**, não tem encenação. É de penitência: é de conversão de vida. Uns trazem silêncio e lágrimas de a terem conhecido tão tarde; outros entoam seus cânticos de alma cheia porque andam nela há tanto tempo e cada vez a vão descobrindo mais no íntimo e mais bela lhes parece. É assim a Caridade! Tudo, tudo — até a Fé e a Esperança! — tudo fenecerá! A Caridade, porém, «nunquam excidit».

Comecemos, pois.

A abrir, os Empregados de Escritório de Lisboa com duas casas entregues na nossa do Tojal, onde «vieram sem aparato, mas muito interessados por conhecer isto» — no dizer do nosso Padre José Maria. A subscrição começara logo após a morte de Pai Américo, para um busto, mas ficou perto dos 20 contos. Agora juntaram o que faltava para as duas dúzias e aí vieram eles sem aparato, como convém em procissão desta natureza, onde a luz se quer que venha, não das velas mas dos corações inflamados pelo amor de Cristo que continua por esse mundo sem ter onde reclinar a cabeça.

Logo a seguir mais gente de trabalho, velha conhecida: O Pessoal da HICA com 2.061\$40 + 1.906\$10 e o Pessoal do Grémio da Panificação com 575\$, referente aos meses de Maio, Junho e Julho.

Agora são os frequentadores da Caixa do Espelho da Moda, aos Clérigos. Não compram mercadoria e deixam o preço.

Visado pela Comissão de Censura

Carviçais lembrou-se de nós com a riqueza das suas roupas. Maria da Saudade, carregando com a sua cruz, veio com os costumados selos. Maria Júlia e uma Noelista, ambas de Lisboa, trouxeram selos, meia dúzia de noveles de óptima lã e um vale de 100\$. Cá vai a Guidinha Portuense. Deus sabe quem é o senhor que mensalmente nos envia, através da Casa do Gaiato, 10\$ para novelos. Pela mesma via, chegaram 200\$ «não sei de quem». Deus sabe. E a décima parte pela alma de Maria da Conceição.

Casa de Jesus Misericordioso — Ordins — Lagares — Douro.

Padre Aires

Se aquela menina que ali ganha a sua vida, não quisesse ganhar também a Vida, há muito se teria queixado dos trabalhos que lhe damos. Assim, quanto mais afadigada, mais contente!

Outra devota. Esta partiu de Luanda «no dia dos meus anos» e traz anseios do coração que é a moeda mais rica que alguém pode dar, porque cunhada a sangue. «Gostaria de algum modo de colaborar nessa Cruzada. Gostaria de dar muito, mas não me é possível. Pudessem eu, no entanto, contribuir para um vidro para uma janela numa casinha para alguém necessitado e ficaria feliz.

Peço a Deus que vos conceda tantas dádivas que em breve não haja um pobrezinho sem abrigo e conceda paz a esta querida Angola».

Se os homens se não resolverem a conquistar com a arma do amor fraterno, nem Angola, nem nenhures conhecerá a paz.

Da Ideal Rádio vieram sete contos que sobraram da estátua a Pai Américo na Praça da República. Mais 280\$00 duma Maria dos Anjos, resultado de um pedidório prometido e cumprido pela cura de uma doença. E dois peregrinos, dois correspondentes àquele sonho nascido no peito de um trabalhador minhoto, que demos a conhecer na derradeira saída da Procissão. Um é de Lisboa e diz: «Bem sei que há milhares deles que têm o mesmo sonho, mas nem todos fazem pela vida». É bem verdade que, querendo Deus se o homem sonha... acordado, a obra nasce! O outro não sei de onde é e faz acção de graças: «Quanto a mim, posso afirmar que o n.º 1 dos meus sonhos foi também possuir uma casa minha. Como graças a Deus, já possuo, julgo-me no dever de ajudar esse meu irmão, para o que envio quinhentos escudos. É pouco, mas dá para uma taipa».

Aproximam-se os de todos os meses: o dos 20\$ poupados ao tabaco mais a Maria do Pequeno Louvre. A Alda, do Ribatejo mais a Clarinha de Lisboa. O assinante 17.477 de Cinfães, mais o Alberto, do «plano decenal» e o Marco António que já não via por cá há algum tempo.

E agora o grande grupo. Os leitores já sabem, que é sempre este o maior que aparece.

Temos a Helena com três prestações para a «Casa de S. Francisco». Fica na 15.ª. Mais um com 20\$00 «para uma casinha com o nome de Nossa Senhora». Será a «Casa de Nossa Senhora do Carmo». E a «Casa do Pedro», que findou com uma bolada de 3 contos: «Já comeci de novo a juntar para outra casa e, como temos três rapazes, gostaria de uma em nome de cada um. Se Deus quiser...» Eu cá não tenho dúvidas que Ele quer e há-de ajudar.

O «Lar Carmo e Carlos» fica na sexta prestação. O assinante 6.790 na 82.ª. Outra na 6.ª: É «Vivenda de S. José», mandada de Fregim. «Para nova prestação de uma casa, 1.000\$ do assinante 8.672.

E o casal-assinante 28.562, fica na 34.ª, com «desculpa pelo atraso e sem razão que nos tivesse verdadeiramente impedido de comparecer a tempo. Deus me perdoe (no singular, pois a culpa pertence ao «cabeça de casal»).

Ó felicidade quando há quem puxe a sua culpa para si, sem salpicar os outros!

E «uma Mãe amargurada» fica em dia até Setembro. O José, de Nespereira manda «a prestação referente ao 2.º trimestre do ano corrente».

A Dulce, de Lourenço Marques, acha que «nunca é tarde para começar e lançada nesta verdade vou com a ajuda de Jesus e com 1.000\$00 dar início a uma casinha que gostaria que tivesse o nome de Jesus, ajudai-me, pois só com a Sua ajuda eu a poderei levar ao fim».

Quem é que neste mundo pode alguma coisa senão com a ajuda de Jesus? O Património dos Pobres, como a Obra da Rua, assenta sobre o Seu Nome e tem por fim glorificar o Seu Nome. Até agora não houve temporal que fizesse rachar a construção!

Surge um médico de Ponta de Mata, Venezuela, com 38 dólares para uma avançada mais na «Casa Nossa Senhora da Boa Nova».

«Apresentação» apresentou-se com mais 3 contos. E a «Casa de S. Tiago» fica logo em 9.700\$00 da primeira assentada. E há desejo de pôr a última telha ainda este ano.

A «Casa da Avó Ema» ficou na 45.ª prestação e a neta... «espiritualmente unida à Família do Gaiato» passei o dia 17 de Julho, contente por se ter cumprido os desejos de Pai Américo. Mais duas achegas a «Casa do António e do Fernando». Mais outras tantas da «Mãe que crê em Deus». A 6.ª para a construção da Casa de Santa Filomena».

A Maria Luisa, «fica em dia e sem dívidas» no total de 6.100\$00.

Mais 500\$ da Mãe «que queria que fosse entregue e principiasse a ser habitada no dia da formatura do meu filho mais velho».

Que beleza de celebração de data tão marcante na vida de seu filho!

E duas vezes mil, de Agosto e de Setembro «para a «Casa de Minha Mãe» e de cada vez uma carta que a gente não merece.

E hoje fecho a Procissão com uma presença saudosa, que só muito sofrimento poderia ter deixado tanto tempo arredada desta marcha luminosa de Fé e Amor, «A Casa

Avelino está de férias e o correio do jornal amontoou. De maneira que sendo costume na altura precisa ter a papinha em ordem, houve de ir catar à rima de correspondência todas as presenças da Campanha. Gostei. Gostei assim, pela variedade. E mais ainda porque no fim escaldava. Tanta gente fresca! Tanta, graças a Deus!

PORTO / LISBOA — Há muito que não víamos tão grande procissão de tripeiros nesta secção. Ele cartas e postais e listas. Ora o Porto, que segue de chapéu alto, é nosso desde os alvares da Obra da Rua, sim, mas eu sei que apesar disso ainda existem por lá muitos lares, centenas senão milhares onde «O Gaiato» ainda não é. Mas vai ser. Quem no diz? O fogo que abrasa o coração dos tripeiros devotos da Campanha. Viva o Porto!

Lisboa entrou em férias, nesta quinzena! Porém, isso não entristece nem assusta. Lisboa tem marcado. E continuará a marcar. Ali é um caudal inesgotável, por muitos e muitos anos. Assim queiram e se encham de brio as senhoras mais os senhores da Capital.

DO MINHO AO ALGARVE — Pra começar, várias presenças de Rio Tinto. Anda por lá interesse! Ora leiam:

«O vosso jornal é alimento saboreado, por isso é que eu depois de o ter meditado algumas vezes fiz que outros sintam o seu paladar doce amassado com miséria.

De tudo o que mais gosto de ler é o artigo «Filhos de pai incógnito» e foi esse mesmo que li mais que uma vez na minha escola às minhas colegas quase senhoras para que sentissem a necessidade de melhorar o mundo.

Depois de ter pedido a algumas, que na verdade não podiam ficar assinantes sem autorização dos pais, somente uma já casada ficou assinante. Não dei por perdido o tempo da minha leitura, embora só uma quisesse o vosso jornal, as outras ouviram e gostaram. Os outros assinantes

de Nossa Senhora da Esperança:

«Depois de tantos meses de silêncio, eis que surjo novamente com uma pequenina prestação para a casa n.º 2 que andava a construir.

Porquê todo este prolongado silêncio?

Atrasos de vida, como diz — e muito bem! — o nosso povo.

Ao «Senhor de Todas as Coisas» é lícito dar e tirar aquilo de que só Ele tem plena posse. Que seja feita a Sua Vontade agora e sempre.

Com esta pequenina prestação, vai o pedido de uma oração para que o Senhor me acrescente e aumente o desejo de dar.

Louvado seja Nosso Senhor Jesus Cristo!

são meus irmãos. Para ele peço que o vosso Pai, lá do Céu, abençoe os seus lares»

E mais Rebordões (Santo Tirso) e S. Mamede de Infesta; Espinho e Coimbra; Tondela e Alcains Gare. Um salto ao Algarve e temos Odeáxere (Lagos) com 4 deles, pela mão do assinante 29593. Os algarvios acordam! Ficamos satisfeitos e esperamos mais e mais. Segue Ponte de Sôr, Alqueidão do Mato, Santa Marta de Penaguião, Celeirós do Douro, Braga com 5. Vamos lá ver se os bracarenses despertam mais uma nadita. E a procissão continua: Guimarães, Recarei, V. N. de Gaia, Grijó, Évora, Leve (Gaia), Medas (Gondomar) Canidelo, Fiães e... alto! Nova presença algarvia — três assinantes de Alte. Viva o Algarve!

ULTRAMAR — Angola, apesar de tudo, não falta. E está, por intermédio de Vil Lus, com uma lista de seis assinantes do continente e um d. Carmona, apregoando ao mundo, que descreve e deturpa a nossa presença em África, que lá e cá é Portugal. Mas Angola não ficou só por aqui. Silveira Porto aparece fumegante:

«Não quero de modo algum deixar de ler «O Gaiato» durante o ano lectivo, pois vejo nele um jornal que educa, que instrui e sobretudo que ensina a amar a Deus e ao próximo»

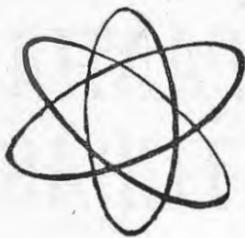
Em Moçambique o entusiasmo não abranda! Honra prémios moçambicanos. Temos Inharrane, sequiosa, que pede maior urgência no envio do jornal. E mais Nampula, que ferve em cachão pela causa do Famoso.

ESTRANGEIRO — Já que movimento desta etapa é impossível comprimir ainda mais, de acordo com a tradicional falta de espaço, não podemos deixar de assinalar resultado do fervoroso trabalho apostólico de um grande Amigo de Travassô (Águeda). Ora leiam:

«Hoje, tenho a satisfação de voltar à estimada presença de Amigos, com uma lista de 11 novos assinantes, conseguida na República da África do Sul por uma pessoa de minha família a quem costumo enviar «Famoso», recomendando-lhe que o leia e passe a outros compatriotas nossos, para sabermos o que é o «nosso» quer do jornal, visando obter novos assinantes. Para verem o interesse que a pessoa mostra pelo «Famoso», transcrevo a seguinte passagem: «Eu recelava esta semana os dois jornais que me mandou; agora ficava ansiosa por ver essa gente toda a recebê-los e gostaria que fosse o mais breve possível»

E pronto. Até à próxima, se Deus quiser.

JÚLIO MENDES



FACETAS DE UMA VIDA

cont. da pág. U M

vá estudando a maneira de ahi colocar fructa e diga-me os seus planos. Mas ajude-me. Eu só, não posso fazer tudo. Cheguei hontem de fora, maçado, esbodegado, e hoje já escrevi cartas sem número. Faça-me isto.»

No mesmo correio segue para uns «Meus Senhores», que ignora quem fossem, o relatório da sua missão.

A carta divide-se em vários capítulos: Despezas, Fructas verdes, Fructas secas, Tomates, Fructas Cabo/Madeira, possivelmente Lisboa, Rendas, Minha ex-companhia, Madeiras de África, Praça de Hamburg e Notas curiosas.

A carta toda ela é curiosíssima, por via daquele estilo de reportagem, tão fiel e ao mesmo tempo tão cheio de sentido crítico, perspectiva singular que apanha a realidade em seus aspectos mais característicos. São prenúncios daquelas sabrosíssimas crônicas que viria a escrever e constituem o livro «Viagens»; e das não menos ricas de penetração psicológica, que escreveu sob a rubrica «Isto é a Casa do Gaiato»; e dessas outras, plenas de comunicabilidade dos melhores valores humanos, intituladas «Nota da Quinzena».

Por isso mesmo eu não resisto a dar aqui excertos desta carta, ainda em busca daquele objectivo, mais de uma vez confessado, de situar a «martelada», da qual — tão embrenhado andava em negócios! — parece ele ainda não ter dado fé por este tempo.

★

Meus Senhores, —

Parti para a Inglaterra no dia 5 do corrente, via terra, e cheguei hontem, via mar.

FRUCTAS VERDES: — O negócio de fructas verdes em Inglaterra é uma lotaria em que para se ganhar é preciso ter grande capital. Eu assisti em Liverpool à venda oficial de fructas, promovida diariamente por seis dos maiores brokers, um dos quais será o meu. Vendia-se um lote de 35.000 sacos de cebola da Alexandria. Começou a venda a 7/6 por sacco, veio para 5 e subiu a 12/. Razão: A venda começou normal, minutos depois chega nova de que em Hull chegava um vapor de cebolas; mais tarde chegava nova de que há procura de cebolas para N. York. Isto tudo dentro de 22 minutos. A exportação de fructas para Inglaterra não tem limites. Estes Brokers, um Ring de 6, tem uma hora cada um de venda, neste grande sales room. Este room é um grande amphiteatro, tendo uma

secretaria com o leiloeiro de cada um dos brokers assistido por dois empregados. Os wholesalers tomam os seus lugares; a firma que começa a vender distribue aos compradores uma lista com os lotes, que há para a venda e do que constam. Quando o leiloeiro começa a apregoar os lotes, um taboleiro automático aparece na arena com uma caixa ou sacco da mercadoria. Isto é tudo muito rápido. Exemplo: 104.000 caixas de maçãs da Tasmânia, vendidas em 20 minutos. Ora, como vêem o meu negócio de fructas verdes não pode ser ainda este ano.

FRUCTAS SECAS: — Fui ao buying department do Cadburys, que fica em Bourneville, a 145 milhas de Londres. Levei uma carta do Ultramarino; bem recebido, o homem disse-me com franqueza que os preços não são questão primária, qualidade é tudo. Nós estamos sempre abertos para comprar the right material, he said. Elles querem amêndoa sem casca, em sacos dobrados, e compram o forte della em Barcelona e no Jordão. Tenho uma casa exportadora no Porto com quem tratarei este anno, e tenho esperanças de, para o próximo sair para Trás-os-Montes a'comprar directamente.

Enfim, este anno e com o meu pequeno capital, vou-me deotar ao negócio de fructa seca para assim poder lidar com algarismos e ter a certeza de lucros, ainda que pequeninos, e deixar a roleta de fructas verdes, aonde se fazem fortunas, para melhores tempos.

TOMATES: — O consumo de tomates em Inglaterra é soberbo. Como no caso de fructa, elle não tem limites e tomates também é fructa. People in England must eat tomatoes. We must have tomatoes for meals, for teas, ever, they say.

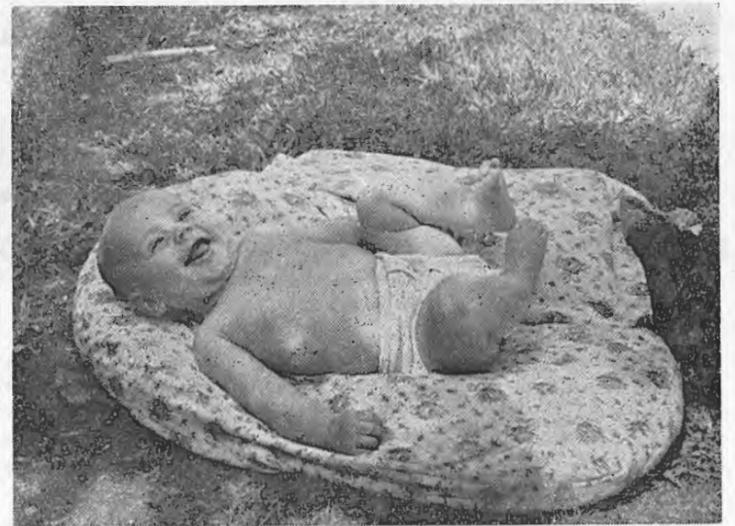
As Canárias alimentam Inglaterra, com carregamentos semanais e exportam desde Outubro a Junho. Depois param e vem a Hollanda, a França e os tomates indígenas que são aos milhares de toneladas. As Canárias então, que sabem que o seu producto vinha encontrar a concorrência dos outros mercados, param a exportação e gozam os rendimentos até Outubro. A média dos preços dos tomates das Canárias é sempre compensadora. Muito bem. Eu fui a uma casa especial de sementes de tomates e dei uma pálida ideia do que desejava fazer. Homens deram-me uma semente de tomate inglez, com probabilidades de produzir no inverno (não afiançadas) e eu trouxe uma libra desta semente. Ora este, sendo especial e se fôr preciso protegido com coberturas de palha, parece que deve produzir até fins de Dezembro. A semente que eu trouxe vai para a terra ama-

nhã. Pode produzir talvez umas 1.000 caixas com que podemos esta época fazer experiência e se nos sairmos bem, para o anno, durante dois meses, havemos de arranjar terras para algumas centenas de toneladas. Em Londres e Liverpool disseram-me que nunca tiveram tomates de Lisboa além de Setembro, eu quero crer que assim seja, mas é que decerto Lisboa não sabe o que eu fui saber e estudar, que é a produção das Canárias etc. etc. Ora muito bem. Hoje Jaime vem aqui a casa. Elle disse-me antes de eu ir para Londres que este negócio seria delle, do tal sócio que também é da ideia e meu. Eu aceito assim este anno, e para o anno ficaremos na mesma ou fica elle com Londres e eu com Liverpool e vice-versa, ou mandamos os dois, independentemente, porque a Inglaterra come tudo. Depois mandarei relatório especial. Por enquanto o nosso plano é retirar uma pequena quantia dos nossos dinheiros para um monte, chamar-lhe conta de tomates e ver o que dá.

RENDAS: — Na Europa não faço nada, Bruxelas não trabalha melhor, mas trabalha mais barato e inunda Londres e Paris. Eu vi, mesmo antes de tentar venda nas casas próprias, que os meus preços eram caros. Tenho pena se não faço nada em África ou na América, porque a minha viagem a Peniche foi a mais cara e a mais maçadora, relativamente a outras, que até hoje tenho feito.

MINHA EX-COMPANHIA: — Tenho probabilidade de ser uma espécie de agente para comprar e exportar para o Nyasaland os productos portugueses, vinhos e sardinhas, e de tentar colocar no nosso mercado colheitas de algodão. Falei com os meus ex-directores neste sentido e hoje mesmo confirmei as nossas conversas, mas tenho medo do negócio do algodão. O bicho portuguez é muito intrujã no comércio. Vê uma amostra e faz o seu pedido oficial, mas quando chega a mercadoria elle descobre que poderia e pode comprar mais barato, começa a pôr defeitos, e que não serve, e que não é igual, e que não chegou a tempo e meter juiz e tribunal e o diabo. Os ingleses não percebem esta balbúrdia porque eles dizem sempre um e um faz dois, compra-se, paga-se e arruma-se. Ora se eu me vejo aqui numa talas de 500 fardos de algodão, negócio de muitos milhares de libras, e tenho que me haver com um dos tais, — Londres diz que Aguiar é burro, e não diz, porque não sabe comprehender nem conhece o nosso negócio, que a pessoa com quem o Aguiar trata não é séria. E eu fico mal. Por isso tenho medo de lhe pegar, mas vou estudar.

NOTAS CURIOSAS — Eu



A Família cresce... Este é o Luís Augusto, terceiro filho do Júlio Mendes. Os netos são das mais belas páginas da Obra da Rua!

CASOS DO MOMENTO

O Rola é da malta do Sejaquim. Eu passo ao pé das alminhas e ouço gritaria. Vou para o sítio e vejo sangue na cara dum pequenito. Pergunto o que foi. O Rola, que está abraçado à vítima e com lágrimas nos olhos, diz: fui eu que ia a dar com um pau noutra, e sem querer dei-lhe e feri-o aqui — e ele aponta a vista da sua vítima. É o próprio Rola que leva a sua vítima ao Girafa para o curar. Um réu que não merece castigo. As lágrimas e o carinho com que conduziu a vítima, diz bem a sua inocência. «Foi eu sem querer...»

...

Sejaquim.—E digam lá que ele não vê!...

Eu estive a apreciá-lo daqui da janela: já acabou o recreio. A sua tropa enquadra-se toda ao pé da casa 1. Ele chama pelo nome de cada um, e vai fazendo grupos. A cada um dá um chefe. E lá vai cada qual para a obrigação estipulada.

São os primeiros passos que no geral os rapazes dão dentro da nossa Casa.

...

O Zé veio há dias. É «dó pé» da Régua. É pequenito. Ainda não dei fé de que tenha a alcinha da praxe.

No primeiro e no segundo dia chorou muito. Ao terceiro dia era vê-lo contente, ao pé dos outros, no grupo dos da lenha.

— Então tu já trabalhas, o que fazes?

— Estou a segurar os cavaletes onde os outros serram a lenha. Eu quero ser serralheiro.

— Lá virá o tempo em que terás a mesma liberdade de escolheres o que queres ser.

...

Venda e vendedores. Os senhores mai-las senhoras vêem

pensava que os allemães eram grande povo para negócio; serão mas há nelles talvez pouca perspicácia. Para isto nunca vi nem sabia que havia tanto em Inglaterra. E tudo gente acute Ninguém pode ir para ali com subterfúgios e quem fôr escorrega logo.

E por hoje, dou por finda a minha missão.

AMÉRICO D'AGUIAR

os nossos rapazes nas ruas, atrefados com a venda do Famoso, mas não sabem o pormenor da ida e vinda deles.

Eu tenho-os acompanhado nas viagens. Gosto: Levantam-se muito cedo. Uns acordam os outros. O Baleia é que vai ver e zelar que todos se aprontem. Às seis da manhã é a saída para o Porto. Forgone a chamar a policia de trânsito, e lá vão eles por aí abaixo. Pelo caminho rezam as orações da manhã. O mais velho preside. Que belo! Depois canta-se, fala-se, ri-se. Avista-se a Areosa e os de trás abai-xam-se para que não sejam vistos mais dos que a conta. Almoço no Lar e é quem come mais depressa por via de ir aviar os fregueses que já os esperam. No domingo tornam a concentrar-se todos no Lar, e já muito de noite vem a forgonete a abarrotar, deixando pelas ruas e caminhos o chilrear de vozes e orações, risos e chalaças. Saem contentes e vêm contentes. O terço é rezado pelo caminho. O mais velho lembra. Os cuidados de hoje, eram a repugnância de ontem.

...

Visitantes. Têm chegado de todos os lados, de todas as classes e até de vários credos. O sentido da Verdade seduz. Camionetas, automóveis, combóio, em todos os meios de transporte, e alguns até a pé, lá vêm eles, visitar a nossa Aldeia, puxados pelo prazer que outros já sentiram.

Nem sempre há cicerones que possam acompanhá-los, tanta a gente, mas como a casa nunca é estranha, os senhores e as senhoras vêem, e escutam as respostas que lhes dão nas oficinas e noutros lugares.

...

O Girafa foi para a Marinha. Ele era Vicentino. Os seus Pobres, quando souberam que ele ia partir, choraram. Pediram-lhe uma fotografia. Os Pobres são os melhores amigos dos Vicentinos. Assim nós possamos copiar a sua humildade, e comprehender as suas necessidades e as suas fraquezas. «Amor, com Amor se paga.»

ERNESTO PINTO

